



## ROMANTISMO BRASILEIRO – POESIA

INÍCIO – PUBLICAÇÃO DE SUSPIROS POÉTICOS E SAUDADES, DE GONÇALVES DE MAGALHÃES

PRODUÇÃO DIVIDIDA EM TRÊS GERAÇÕES: IINDIANISTA, ULTRARROMÂNTICA E CONDOREIRA

1ª GERAÇÃO

- NACIONALISTA
- INDIANISTA
- GONÇALVES DE MAGALHÃES E GONÇALVES DIAS

### Canção do exílio

<p>Kennst du das Land, wo die Citronen blühen, Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen? Kennst du es wohl? — Dahin, dahin! Möchtl ich... ziehn. Goethe</p>	<p>"Conheces a região onde florescem os limoeiros ? laranjas de ouro ardem no verde escuro da folhagem; conheces bem ? Nesse lugar, *eu desejava estar"</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

(Mignon, de Goethe)

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Coimbra - julho 1843.

2ª GERAÇÃO

- ULTRARROMÂNTICA
- MAL DO SÉCULO
- BYRONISMO

GOETHE: "AS LEMBRANÇAS DO JOVEM WERTHER"

- ÁLVARES DE AZEVEDO
- CASIMIRO DE ABREU
- FAGUNDES VARELA

ÁLVARES DE AZEVEDO

POETA DA MORTE

MORRE AOS 21 ANOS

- ESCREVEU AINDA "NOITE NA TAVERNA"

"O poeta moribundo

Poetas! amanhã ao meu cadáver

Minha tripa cortai mais sonora!...

Façam dela uma corda e cantem nela

Os amores da vida esperançosa!"

**"Se eu morresse amanhã**

Se eu morresse amanhã, viria ao menos

Fechar meus olhos minha triste irmã;

Minha mãe de saudades morreria

Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!

Que aurora de porvir e que manhã!

Eu perdera chorando essas coroas

Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva  
Acorda a natureza mais louçã!  
Não me batera tanto amor no peito  
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã!"

CASIMIRO DE ABREU – POETA DA INFÂNCIA

**"Meus oito anos**

Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!"

FAGUNDES VARELA

- POETA MARCADO PELA MORTE DO FILHO
- POEMA CÂNTICO DO CALVÁRIO
- CONSIDERADO UM POETA DE TRANSIÇÃO

"Cântico do Calvário"



À Memória de Meu Filho

Morto a 11 de Dezembro de 1863.

Eras na vida a pomba predileta  
Que sobre um mar de angústias conduzia  
O ramo da esperança. — Eras a estrela  
Que entre as névoas do inverno cintilava  
Apontando o caminho ao pegureiro.  
Eras a messe de um dourado estio.

Eras o idílio de um amor sublime.  
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,  
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,  
Pomba, — varou-te a flecha do destino!  
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!  
Teto, caíste! — Crença, já não vives!  
Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,  
Legado acerbo da ventura extinta,  
Dúbios archotes que a tremer clareiam  
A lousa fria de um sonhar que é morto!”

**3ª GERAÇÃO**

- CONDOREIRA
- CRÍTICA SOCIAL
- DEFESA DE IDEIAS IGUALITÁRIAS

CASTRO ALVES

- POETA DOS ESCRAVOS
- AUTOR DE “O NAVIO NEGREIRO”
- POESIA LÍRICA “SENSUALIZADA”

Excertos de O Navio Negreiro  
(Tragédia no mar)

**1ª PARTE**

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço  
Brinca o luar — dourada borboleta;  
E as vagas após ele correm... cansam  
Como turba de infantes inquieta.  
'Stamos em pleno mar... Do firmamento  
Os astros saltam como espumas de ouro...  
O mar em troca acende as ardentias,  
— Constelações do líquido tesouro...

**2ª PARTE**

Que importa do nauta o berço,  
Donde é filho, qual seu lar?  
Ama a cadência do verso  
Que lhe ensina o velho mar!  
Cantai! que a morte é divina!

Resvala o brigue à bolina  
Como golfinho veloz.  
Presa ao mastro da mezena  
Saudosa bandeira acena  
As vagas que deixa após.

## 3ª PARTE

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!  
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano  
Como o teu mergulhar no brigue voador!  
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!  
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...  
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

## 4ª PARTE

Era um sonho dantesco... o tombadilho  
Que das luzernas avermelha o brilho.  
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...  
Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras moças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs!



5ª PARTE

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!  
Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!

6ª PARTE

Existe um povo que a bandeira empresta  
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa festa  
Em manto impuro de bacante fria!...  
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,  
Que impudente na gávea tripudia?  
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...  
Auriverde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra  
E as promessas divinas da esperança...  
Tu que, da liberdade após a guerra,  
Foste hasteado dos heróis na lança  
Antes te houvessem roto na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!...



## POESIA LÍRICA

Adormecida

De um jasmineiro os galhos encurvados,

Indiscretos entravam pela sala,

E de leve oscilando ao tom das auras,

Iam na face trêmulos — beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago

Mesmo em sonhos a moça estremecia...

Quando ela serenava... a flor beijava-a...

Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

## RESUMINDO!

NA POESIA ROMÂNTICA DO BRASIL, HÁ UM MOVIMENTO BEM CLARO. No começo tudo era sonho, a pátria e a exaltação dos índios, depois, chega à tempestade, à depressão e à morte, para no fim, um olhar mais crítico, quase realista!